

O DIÁRIO

de Teresópolis

ANO XXV - Nº 6050 - QUINTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 2016 - ESTE EXEMPLAR: R\$ 1,



OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

Roberta Montello Amaral*

* Economista, doutora em Engenharia de Produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO
E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

Que 2016 comece!

Nesta quarta-feira, oficialmente, se encerrou o período de festas. Depois de terminadas as férias, de passados o Réveillon e o carnaval, podemos celebrar um ano que começa na prática. Começa com problemas de recessão, aumento do desemprego, tendências de subida das taxas de juros e de inflação, de depreciação e etc.

Em Teresópolis a situação não foi diferente. A inflação medida pelo IPC-FESO, no mês de janeiro de 2016 apresentou um acréscimo de 0,47% que, apesar de ser uma elevação, ainda está bem abaixo do verificado em dezembro (6,4%). Este valor foi impactado diretamente pelo acréscimo de alguns produtos agrícolas como a banana e o feijão. Nos últimos 12 meses a variação do IPC-FESO alcançou 17,43%, valor bem acima do teto estabelecido para a inflação oficial do Governo. A cesta básica, medida pelo IPC/CB-FESO, voltou a apresentar tendência de alta, totalizando R\$ 409,30, valor 13% superior ao verificado em novembro e 2,3% mais elevado que dezembro. Nos últimos 12 meses a variação do valor da cesta básica em Teresópolis foi de 18%.

Mas isso não é novidade. A novidade é ver as pessoas acreditando que, para sair dessa situação, basta ter fé e esperança, como se tudo fosse uma questão de sorte. Isso me parece com aquelas pessoas que reclamam que nunca conseguem "se dar bem", que sempre atraem coisas ruins. A meu ver estas pessoas, erroneamente, tiram a responsabilidade delas, de si próprias, para transferir a culpa para outros. E, na ausência de culpados, transferem a responsabilidade para a "sorte".

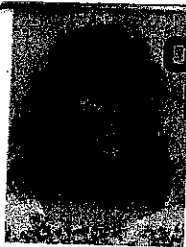
Recente pesquisa coordenada por mim e operacionalizada pelo meu pupilo Danilo Amaral da Fonseca com auxílio e verba do UNIFESO indicou que tanto nossos adolescentes assistidos pelo sistema público quanto os assistidos pelo sistema privado de ensino estão, desde cedo, sujeitos a uma falta de educação financeira. O estudo, intitulado "Educação Financeira no Ensino Fundamental II" fez uma pesquisa detalhada no material didático de matemática utilizado por praticamente todas as escolas da zona urbana de nosso município (somente o Colégio ÚNICO não forneceu as informações solicitadas) e constatou várias coisas interessantes. Por exemplo, você sabia que foram encontrados apenas três títulos usados como livro didático? A rede pública adota um determinado autor e a rede privada tem preferência por outro (o terceiro autor foi encontrado em apenas uma escola). Isso, a princípio, não é nada demais, mas indica que nossas crianças, em se tratando do ensino de matemática, têm praticamente a mesma visão em qualquer escola em que escolham estudar. Poucos são os diferentes. O que chama a atenção é o fato de pouco se falar em educação financeira. Essa e outras pesquisas voltadas para assuntos de interesse da sociedade são promovidas pelo programa de PICPE (Programa de Iniciação Científica, Pesquisa e Extensão) do UNIFESO e seus resultados podem ser encontrados na página da instituição.

O que isso tudo indica? Indica que pouco podemos atribuir à sorte. Ao invés de termos esperança, devemos fazer a nossa parte, devemos correr atrás do prejuízo. Vamos deixar de culpar os outros, vamos assumir os nossos erros e corrigi-los enquanto ainda é tempo. Não quer dizer que a esperança seja dispensável; não é, mas ela não pode ser o nosso foco principal. Dito isto, desejo, de coração, que 2016 comece com muita paz, saúde, pró-atividade e, é claro, uma pitada de esperança! Feliz ano novo!

O DIÁRIO

de Teresópolis

245, ANO XXIV - Nº 5807 - QUINTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 2015 - ESTE EXEMPLAR: R\$ 1,20



OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

Roberta Montello Amaral*

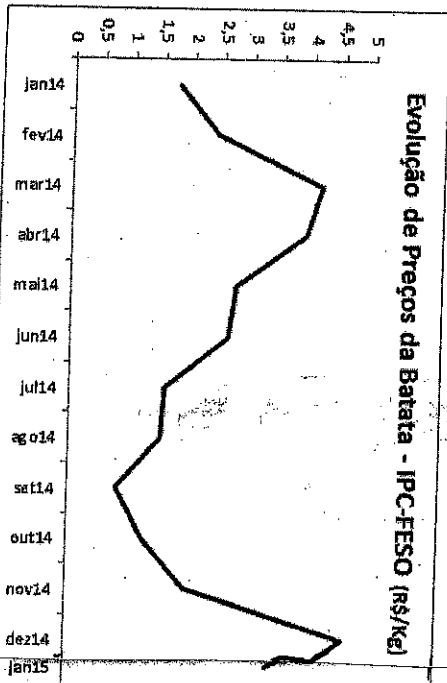
* Economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO
E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

Finalmente você encontra o broto

No final do ano passado uma notícia que li no site G1 me chamou a atenção: "Preço da batata dispara, e custo da cesta básica sobe 1,59% em Curitiba". Fiquei com isso na cabeça e resolvi, neste mês, verificar o que aconteceu com este tubérculo em Teresópolis.

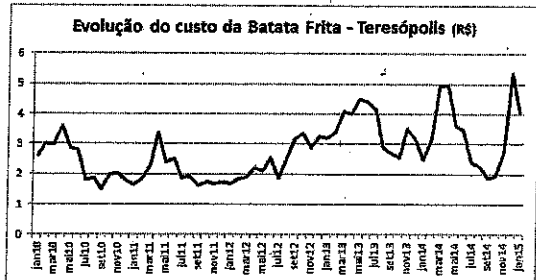
A batata é um vegetal bastante curioso porque está intimamente relacionado à história da humanidade. Com origem nas Américas, foi responsável por uma revolução no combate à fome que a Europa costumava enfrentar nos meses de inverno, uma vez que permite ser estocada. Em economia é o único bem de Giffen descrito (um bem de Giffen é aquele que tem sua procura aumentada depois de um aumento de preços, comportamento contrário ao que normalmente se espera). Está ligada à infância de todos aqueles que decoraram "Batatinha quando nasce esparrama pelo chão" quando o correto é "Batatinha quando nasce espalha a rama pelo chão."

Feitas as apresentações, vamos ao que interessa: será que, aqui na cidade, o preço médio da batata também subiu nos últimos meses? Vejamos a evolução do custo de 1 quilo medida pelo IPC-FESO, o índice de preços ao consumidor medido pelo UNIFESO:



O que se pode perceber é que, de fato, houve um aumento, mas ele poderia ter sido previsto, uma vez que já no início do ano passado também houve um pico de preços da batata. Isso ocorre porque os produtos agrícolas normalmente têm o que chamamos em economia de comportamento sazonal. O termo sazonal tem origem na palavra inglesa "season" ou, em português, estação do ano. Um comportamento sazonal é aquele que normalmente varia de acordo com as estações do ano, ou seja, o que chamamos de safra.

E, como nada acontece por acaso, depois de decidir o tema desta minha coluna, eis que ouço no meu carro: "Amor, pede uma porção de batata frita? OK, você venceu, batata frita". Para quem não conhece, trata-se de um trecho de uma antiga música da Blitz ("Você não soube me amar"). Então, para completar, resolvi verificar como foi o comportamento do custo de se fazer batata frita aqui em Teresópolis nos últimos tempos. Para quem não sabe, apesar do nome french fries (batata frita em inglês que, conforme uma tradução literal nos levaria ao termo "fritas francesas"), aparentemente a batata frita tem origem na Bélgica. Partindo da premissa de que precisamos de 200 ml de óleo e 5 mg de sal para preparar um quilo de batata frita de dar inveja a qualquer rede de fast food, vejamos como o preço deste conjunto de ingredientes vem se comportando em Teresópolis:



De fato, em dezembro, atingimos o máximo de toda a série histórica. Mas janeiro já aponta uma queda, de modo que não devemos nos preocupar em trocar este aperitivo na hora de curtir o Carnaval que se aproxima. E o resto? Ai é blá blá blá blá blá blá blá blá blá, Ti ti ti ti ti ti ti ti...

O DIÁRIO

de Teresópolis

AS, ANO XXVII - Nº 5846 - SÁBADO, 11 DE ABRIL DE 2015 - ESTE EXEMPLAR: R\$ 2,50

O que esperar quando você está esperando

Hoje a coluna está inspirada em algumas amigas com as quais tenho esbarrado muito. Tanto, que serviram de tema para este texto. "O que esperar quando está esperando" é um livro dedicado às grávidas e suas angústias. Bom, fiquei eu aqui pensando no assunto do "meu" observatório e pensei: o que esperar para os próximos 9 meses do Governo?

Antes de mais nada, vamos fazer uma retrospectiva. Em 2014 a inflação oficial do Governo foi de 6,41%. De acordo com o IPC-FIESO, o Índice de Preços do Consumidor de Teresópolis, medido pelos estudantes de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO, a situação foi ainda pior: pouco mais de 8% de incrementos médio de preços. A taxa de juros oficial do Governo (a SELIC, fixada pelo COPOM – Comitê de Política Monetária) saltou de 10% aa para 11,75% aa (não é nada, não é nada, representa 17,5% a mais com serviço da dívida interna, ou seja, é como se você gastasse, todo mês, 17,5% a mais só com juros de cartão de crédito ou cheque especial, sem que nada a mais tivesse sido comprado). O PIB (Produto Interno Bruto, que mede a quantidade de bens e serviços finais produzidos no último ano) cresceu pífios 0,1%, quase nada. Isso tudo diante do anúncio das descobertas de desvio de dinheiro e de corrupção na Petrobrás,

indícios de que os EUA vão aumentar sua taxa de juros básica e novos problemas com relação ao desempenho dos países que fazem parte da zona do Euro. O que isso quer dizer?

esperar que entendam a angústia de lutava para gerenciar suas contas, pra salvar parte do salário ou renda, conta especial remunerada ou, caso não tenha algum recurso, aplicava no overnight?



OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

Roberta Montello Amaral*

* Economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO
E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

Quer dizer o mesmo que a pesquisa Focus (pesquisa diária feita pelo Banco Central com o objetivo de medir, através do levantamento diário das previsões de bancos e outras instituições) já vem apontando há muito tempo: os próximos meses serão de cautela. Na última pesquisa era esperado, para o final do ano, juros de 13,25% aa (ou seja, em relação a 2013, gastos com a dívida interna com aumento de cerca de 1/3), aperto monetário e queda do PIB. Como diriam alguns economistas: voltamos à situação da década de 90!

Os mais novos, hoje entre 20 e 30 anos, podem não assimilar o que está acontecendo, afinal, quando passamos pelo desastre dos anos 90 eles eram bebês ou talvez nem fossem um projeto de vida ainda. Como

Esta semana vi uma economista de um grande canal da tv repetir diversas vezes "não procurem fazer maravilhas". E falava que alternativas FIESO poderiam ser encontradas no setor privado, mas esqueceu de mencionar que o equilíbrio do mercado monetário para garantir uma modalidade de empréstimo de que a população de grad

financiados seja integralmente absorvido pelo mercado de trabalho, logo após a formação. Será que é isso que devemos esperar?

Como toda grávida, podemos fazer qualquer exame que nada substitui os exames de São Tomé: é ver para crer, a mãe tem a certeza de que tem um filho saudável quando ele nasce. Então, não há garantias para este cenário de fato irá acontecer. Conservadoramente, eu estou congelando meus sonhos e esperando para ver o futuro nos reserva. Segundo a minha opinião, é hora de esperar e não de correr para ver. Até a próxima.

* Roberta Montello Amaral é economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO. E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

O DIÁRIO

de Teresópolis

ANO XXVII - Nº 5860 - QUARTA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 2015 - ESTE EXEMPLAR: R\$ 1,20



OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

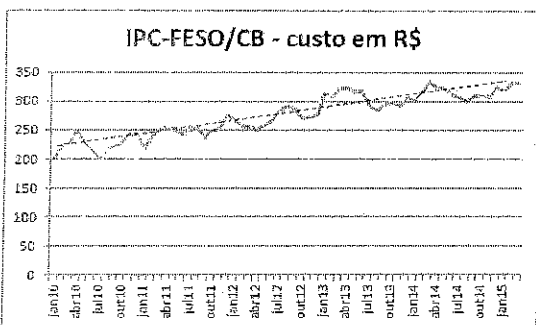
Roberta Montello Amaral*

* Economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO
E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

Procura-se: feijão, tomate e pão francês

Acompanhar os índices de preços é interessante. A cada mês temos muitas surpresas. Mas também algumas certezas. Uma das principais certezas é que a lei da oferta e da demanda existe! Produção maior = preço menor porque a oferta aumenta. É um princípio básico da economia em que o Governo atual insiste em interferir das mais diversas formas, seja com uma política de imposição de tarifas (como no caso da geração de energia elétrica) ou da elevada carga tributária, o que gera o chamado "peso morto" da economia, mas isso é assunto para outro artigo.

Lembrando de um texto que escrevi para este mesmo jornal há cerca de dois anos (sobre a desoneração da cesta básica), neste mês resolvi revisitar o comportamento da cesta básica no município de Teresópolis. O IPC/CB-FESO, índice de preços ao consumidor da cesta básica de nossa cidade, coletado e calculado com a ajuda dos estudantes de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO, revelou o seguinte comportamento desde 2010:



O que se nota é uma constante e significativa evolução histórica de preços. Há meses de maior elevação intercalados com meses de menor variação, mas é inegável que está havendo um movimento consistente de alta, que pode ser notado com a construção da linha tracejada apresentada que representa uma média, uma tendência de crescimento bastante evidente. Peço especial atenção para o primeiro trimestre de 2015. Apesar de a cesta básica ter apresentado ligeira queda de 0,3% em março, no mês anterior havia revelado uma forte elevação de 4,6%. Neste caso, podemos destacar como principais "vilões" dos últimos dois meses três produtos: feijão, tomate e pão francês. Será que podemos considerar este comportamento uma surpresa? O que será que estes três produtos têm em comum?

No mesmo artigo escrito há dois anos lembro de ter alertado você, leitor, sobre a alta dos preços do tomate. Tratava-se de um período de entressafra do produto, mesmo momento atual. Ou seja, não há mágica! A economia é cíclica e, como tal, seus preços também são. A este fenômeno damos o nome de sazonalidade. Também já destaquei anteriormente que o próprio termo sazonalidade vem da expressão "season" em inglês, que se traduz como estação do ano, o que explica a entrada e saída dos períodos de entressafra. O feijão também se enquadra neste cenário, já que depende das temperaturas e da quantidade de chuvas para gerar uma produção satisfatória. O pão francês depende, basicamente, do preço do trigo, mais um produto agrícola que depende de fatores climáticos para a sua produção.

Mas a surpresa deste mês não é essa. É o motivo da elevação do preço do pão! Conforme reportagem publicada pelo site ZH Campo e Lavoura, "o custo de produção maior deve-se à alta do dólar, já que o valor dos principais insumos acompanha a cotação da moeda americana." Ou seja, esta observação reforça o assunto da minha coluna de abril: a inflação está de volta e veio para ficar! Pelo menos de modo parcial, o aumento dos preços da cesta básica, base de consumo daqueles com menor renda, não pode ser creditado a questões climáticas, mas, mais uma vez, à certeza de que a condução de uma política econômica errada gera efeitos perversos, especialmente sobre as populações de mais baixa renda que, impossibilitadas de recompor seu poder de compra, precisam rever suas prioridades e escolher como distribuir seus gastos mensais.

E meu conselho continua válido: cautela à vista!